

ENTREVISTA COM RUY MOREIRA: UM GEÓGRAFO CRÍTICO

INTERVIEW WITH RUY MOREIRA: A CRITICAL GEOGRAPHER

ENTREVISTA A RUY MOREIRA: UN GEÓGRAFO CRÍTICO

RUY MOREIRA¹
VANDA DE CLAUDINO-SALES²
SAULO ROBERTO DE OLIVEIRA VITAL³
JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA⁴
DANIELMA FERREIRA DA ROCHA⁵
HELEN NIEDJA FERREIRA DOS SANTOS⁶

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense /UFF e Professor Visitante da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ UERJ.

E-mail: ruymoreira@uol.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6158-4471>

² Professora Visitante da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA. E-mail: vcs@ufc.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6158-4471>

³ Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Paraíba/UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN-Ceres. E-mail: saulo.vital@academico.ufpb.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2028-0033>

⁴ Professor dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará/UFC e da Pontifícia Universidade Católica do Rio/PUC-RJ. E-mail: borzajose@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5546-2737>

⁵ Mestre em Geografia. Email: danielma.dfr@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9772-5424>

⁶ Graduada em Geografia. E-mail: niedjahelen1@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0108-1178>

APRESENTAÇÃO

Nessa quarta edição, a William Morris Davis – Revista de Geomorfologia, apresenta sua seção de entrevistas como resultado de uma longa conversa com o Professor Ruy Moreira, da UFF/UERJ. Ruy Moreira foi entrevistado para falar da sua concepção de geografia, sobre a sua visão de geografia física, sobre a produção em geografia no momento atual. A entrevista ocorreu em 2 de junho de 2021, online, através de uma parceria da revista com o GENAT – Grupo de Pesquisa em Gerenciamento de Riscos e Desastres Naturais, da UFPB, e contou com a participação dos professores Vanda de Claudino-Sales, Saulo Roberto Oliveira Vital e José Borzacchiello da Silva. A entrevista foi transcrita por Danielma Ferreira da Rocha e Helen Niedja Ferreira dos Santos. Ruy Moreira, um baluarte da Geografia Crítica no Brasil, faz uma apaixonante conversa com os entrevistadores, sobre o seu percurso na Geografia, relatando ainda fatos da sua infância e de sua vida, e traz reflexões sobre a Geografia na atualidade, de forma a transformar a atividade em algo imperdível acerca do registro dos bastidores e do front da ciência geográfica no Brasil.

ENTREVISTA

Saulo Vital: Gostaria de ouvir um pouco sobre sua trajetória na Geografia, sua trajetória de vida, como chegou na Geografia e o caminho que foi realizado até hoje. A gente sabe que é uma trajetória muito longa, mas pedimos que o senhor faça um resumo, se possível.

Ruy Moreira: É a trajetória de um garoto de subúrbio, que a universidade transforma em professor de Geografia. Talvez com a particularidade de, no trânsito, ter trabalhado muitos anos num sistema industrial de fábricas, o Moinho Inglês, reunindo cinco fábricas na rua da Gamboa, no Rio de Janeiro, onde a visão, a ideia de vida e de mundo do professor se forma na verdade. Um garoto para o qual, as pontas da cidade e da fábrica agem para criar o contorno e a universidade fazer a lapidação. Daí é que vem de onde eu tiro todas as minhas leituras de mundo, porque o que aprendi na fábrica e no subúrbio do Rio de Janeiro, é o mesmo mundo do capitalismo, duas faces da mesma moeda. O mundo que seus pais criaram, estou me referindo ao garoto, mas, percebe, criaram, mas não para eles. E eis que o garoto vira professor universitário e leva essa noção de vida e de mundo para sua vida profissional, e tudo que faz, tudo que fala, tudo que diz, tudo que escreve, tudo que acredita, desde então, é pura e simplesmente a experiência de vida daquele garoto, algo que este volta para a meta de, agora, ele adulto, herdeiro dos pais, debruçar-se sobre tal mundo, entender porque é um mundo criado pelos trabalhadores, mas não lhes pertence. O mundo que aí está, mas que não devia ser este, o mundo em que vive, mas não o que devia viver. Esta é minha trajetória, de forma, bastante resumida, e que explica, basicamente, tudo que eu faço dentro e fora da universidade, tornada uma circunstância de sobrevivência, ainda hoje. É como se o garoto vivesse ainda dentro de mim e agora vestisse a roupagem do adulto, o rosto da pessoa madura, na forma do adulto, vivendo ainda as esperanças, as expectativas e o aprendizado de vida que teve quando menino, lá no subúrbio e na fábrica, porque não levou muito tempo para descobrir que eram faces de uma mesma verdade. Então, é um garoto que adquiriu uma consciência muito cedo, digamos assim, por conta da realidade do espaço vivido, e que o impregnou de tal maneira que o que era ontem o garoto é o que sou ainda hoje.

José Borzacchiello da Silva: Olá, Ruy, quero falar do prazer de estar com você, participando desta entrevista. Para iniciar, cito Denis Cosgrove quando afirma que Geografia está em toda parte, já Yves Lacoste, diz que A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Você, Ruy Moreira, diz que A Geografia serve para desvendar as máscaras sociais. Essas assertivas permanecem explicativas para nossa ciência?

Ruy Moreira: Acho que sim, porque estar em toda parte significa dizer que a Geografia tem a peculiaridade de ser uma forma de saber a um só tempo singular e universal, e exatamente por ser assim, perceber que é universal, mas segundo a realidade de cada lugar. A Geografia está em toda parte, mas em cada parte de um modo próprio, de um modo distinto, e significa dizer que mudar o mundo é mudar cada um dos seus lugares, o que permite que mudando o lugar, sobretudo em uma época de encadeamento global dos lugares, é criar a possibilidade de mudar todos os lugares. Esse é um aprendizado que Cosgrove nos passa e que é muito real, muito verdadeiro, em todos os sentidos, o sentido ontológico, o sentido epistemológico, o sentido teórico, o sentido metodológico, e a incorporo como a verdade de compreensão minha, como se fosse uma formulação minha. Repete a segunda parte.

José Borzacchiello da Silva: Relaciono Cosgrove com Yves Lacoste que diz: A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Esse não é o título do famoso livro dele?

Ruy Moreira: É isso que ele dá, esse poder de ação e intervenção, e em nós a certeza de que a Geografia é uma forma de saber de extrema utilidade nos processos de lutas de transformação,

de imaginar o tipo de sociedade em que podemos viver. Porque a empiria formulada de modo plural no discurso de Cosgrove agora se transforma num modo cognitivo de ver o mundo para além dos aspectos da percepção imediata, nos dando a entender que o mundo se organiza por uma estrutura que se revela pelo espaço, e que agir sobre essa estrutura para mudá-lo é possível e necessário, que Lacoste, na famosa maneira dele resumir a Geografia como uma ciência a serviço das lutas, rumo a uma sociedade mais justa, ambientalmente mais equilibrada, economicamente mais distribuída, formula sinteticamente no lema “saber ler o espaço, para nele se organizar e nele combater”, de que derivo, entrando na terceira parte, de que a Geografia serve para desvendar máscaras sociais, por máscaras sociais significando entender que é preciso mudar o espaço para mudar a sociedade, porque é uma sociedade de espaços desiguais, porque de uma estratificação social em que os homens se territorializam por lugares de classes sociais distintas, umas que dominam e outras que são dominadas, desvendar essa máscara social sendo exatamente o que permite, voltando a Lacoste, fazer o saber e saber usar o conhecimento espacial, servindo para agir, e agir em todos os lugares, remetendo agora a Cosgrove, porque um outro mundo somente surge quando surge como um mundo mundialmente novo. Então, Zé, é uma pergunta extraordinária e inteligentemente instigante, esta sua, porque são três dizeres que acabam se casando de maneira tão clara, tão positiva, tão profunda, que se alguém me perguntar o que é a Geografia, diria, vejam a pergunta que o José Borzacchiello me fez, porque, nela, está a resposta, a mais cabal e a mais clara possível que se possa imaginar, a Geografia como a ciência que por características, particularidades, próprias é a forma de ciência que dispõe, pelo espaço, o poder de ver o mundo, um modo de teorizar, de intervir, um método, um modo de conceber, uma forma própria, diferente, de lê-lo, que, já no imediato, o da ontologia, põe o dedo no segredo do mundo. Já em si juntando num casamento ontologia, epistemologia e metodologia num olhar de alcance profundo, para além do meramente epistemológico da Geografia como uma ciência que tem um objeto, o espaço, que, por sua essencialidade e conteúdo, junta, na conformidade, estes três dizeres, e por causa destes dizeres.

José Borzacchiello da Silva: Ótimo, muito bom! Você continua o mesmo - instigante, provocativo, muito bom. Muito obrigado, Ruy.

Ruy Moreira: Eu que agradeço.

José Borzacchiello da Silva: Ruy, em vários textos você discute os cruzamentos entre o marxismo e a Geografia, entre sociedade e natureza, inclusive no intitulado *Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias*, publicado pela Revista Geographia, ano 6, número 11, 2004, do PPG em Geografia da UFF. Nele, você aponta os termos de uma relação possível. Prossegue argumentando e propondo um balanço de dois encontros do marxismo com a Geografia. Fecha o artigo apontado o rumo para a ontologia marxista da Geografia, a geograficidade. Essa concepção permanece em suas formulações?

Ruy Moreira: Sim. Zé. É por onde sempre penso a Geografia. É uma característica nossa, a geração dos anos 1970, não significando dizer que os geógrafos de antes também não a tinham como propriedade, a atitude intelectual de irmos aperfeiçoando conceitos e modos de ver as coisas na concomitância das mudanças e exigências do tempo, respondendo às necessidades de atualizar o pensamento, antenados com os momentos de mudança da sociedade. Sempre atualizando o entendimento e o discurso de Geografia, mudando no acompanhando das mudanças do real, que, do contrário, não teria como fazê-la cumprir a função que apontamos, a propósito da sua primeira pergunta. Mudando. Atualizando sempre. Mantendo a essência da ideia. É assim que fica cada vez mais transparente, no tempo, para mim a ideia de que a Geografia é a ciência que lida com o ser e o estar do homem no mundo. Do mundo como esse ser-estar. A Geografia sendo a ciência que estuda o espaço, mas pelo fato do espaço ser a

condição de estar da existência, o estar que faz o par com o ser, a Geografia sendo essa ciência do ser e estar do homem. Qual seja, a geograficidade. Para isso, é então preciso a busca constante das armas que permitam fazer crescer o percurso de teorização dessa ideia de Geografia. É, neste sentido, fazer a confirmação do marxismo como a base possível da resposta, possível no sentido do compreender das possibilidades, que, no meu caso, é mais que a possibilidade, de pela Geografia, ver-se e compreender-se a vida e o mundo. Não significa dizer que o marxismo é a única alternativa que existe para termos uma Geografia com essas características e esses direcionamentos. Muitos colegas que partem recentemente da fenomenologia mostram também a possibilidade de, desse campo filosófico como janela de abertura, o olhar do mundo como mundo do homem, e, sendo mundo do homem, ver o homem como homem no mundo. Que é o discurso da geograficidade. Por isso, de certa maneira, tenho me voltado sempre sucessivamente para os antigos, porque, de certo modo, nas entrelinhas é o que percebemos em seus escritos. Habitualmente foi nos dito, e assim acabamos achando, que no passado só quem teve essa compreensão foi Dardel, mas minhas leituras, meus retornos aos antigos, aos fundadores e clássicos, têm me dado a medida muito clara, de que, não utilizando a expressão, no fundo, no fundo, é disso que cada um deles dizendo nos seus textos. Quando Vidal diz que a Geografia não é um saber do homem e sim do lugar, está se referindo exatamente ao ser do homem no seu estar, o ser e o estar conjugados como um propósito de entendimento geográfico do homem e do mundo, e, então, de um saber auxiliar do homem no sentido deste intento de, nele estando construindo na consciência da essencialidade da construção dele mesmo como um ser social. Isso é transparentíssimo nos fundadores e nos clássicos, em todos propositivo, mesmo que não tão claro quanto em Dardel, mas muito claramente, por exemplo, em Humboldt, o que significa dizer erroneamente entender como formulações inventadas pelo momento posterior, o de Dardel, ou o momento presente, por nós mas na verdade já existindo desde tempos passados, só que, na nossa maneira de ver e pensar, se o pensamento não usa a palavra, então o pensamento não estar pensando aquilo, mas isso apenas por não termos o hábito de ir ao sentido mais interior do pensamento dos clássicos, de fazer com seus textos o mesmo que os padres fazem com a Bíblia, um mergulho hermenêutico e exegetico, e assim extrair de suas entrelinhas o sentido e o significado do que ali está dito. Ler, lá na circulação por dentro do texto, o seu sentido, o seu significado, ver o que o texto quis dizer a respeito do modo de vida e existência do homem no mundo. E, daí, então, saímos do texto, sem deixarmos de manter-se dentro dele, para então percebermos que aquilo que hoje apresentamos como algo extremamente moderno, já era moderno para um Vidal, um Brunhes, um Sorre, um George. A diferença é que Dardel é mais consciente e explícito. Mesmo que menos profundo. Assunto que você investiga, por exemplo, no seu livro, que publicou analisando estes clássicos. Livro que tenho e li. Seu livro e o meu, voltados para os mesmos clássicos. Tudo isso significando dizer que a visão de Geografia que eu exponho ao longo da sequência desse tempo é de certa maneira a que tive e fui aperfeiçoando, mantendo aqui, atualizando ali, refazendo mais à frente, do passado aos dias de hoje, minhas ideias e modos de entendimento, mas com este poder de entrar mais fundo no conhecimento da realidade do mundo e então imaginá-lo como um mundo da possibilidade de outro modo de ser. Chegar então a estas e novas conclusões, renovando criticamente as ideias, sem abandonar as velhas, velhas, mas boas, de ver a Geografia como a ciência da paisagem, porque sem paisagem não se faz Geografia, a ciência do estudo da organização espacial das sociedades, porque sem a organização não dá para entender as sociedades como uma unidade de estrutura, a ciência do território, porque sem território a leitura política e dos conflitos fica impossível, ligações sem as quais o real fica incompreensível para e pela Geografia. Por isso, a Geografia estudo do homem e da natureza, que se afirma como uma verdade cada vez mais profunda, sobretudo agora em tempo de pandemia, e assim Geografia Física e Geografia Humana, nos seus casamentos, cada geografia setorial com cada

geografia setorial, sem dissolvê-las, conquanto, porque cada uma delas traz sua contribuição vital para compreendermos o mundo enquanto mundo do homem e do homem como um homem no mundo.

Tudo isto forma um fundo de verdade que a gente vai descobrindo como uma verdade às vezes não tão transparente no passado recente, mas mais e mais fica transparente no presente, e com uma tal clareza que às vezes nos escandaliza não a termos visto dessa maneira. A ciência a um tempo integrada e setorializada que estuda a relação homem-natureza hoje é aquela antiga, sob nova forma que pode, por exemplo, nos levar ao entendimento do por quê da Pandemia, por quê de um vírus que se transforma em uma doença. Por que de um SARS-CoV-2 se transformar num COVID 19. Algo que Vidal já percebera para a mosca tzé-tzé e a doença do sono que dizimou populações inteiras no solo do centro da África. Mas na propriedade de uma epidemia se transformar numa pandemia. Um fenômeno local ganhar a dimensionalidade da escala global de mundo. Uma ocorrência combinada de Geografia Física e Geografia Humana. Pois como explicar tal fato se não pela relação homem-natureza na maneira como ambientalmente esta vem acontecendo a partir de um certo momento, que eu dataria da transição do feudalismo para o capitalismo, como um produto da acumulação primitiva. Então, Zé, talvez tenha saído um pouco da sua pergunta, mas no fundamental minha resposta gira ao redor deste conjunto de considerações.

Faz parte, pois, desse trajeto, o reconhecimento da importância da diferença. O marxismo é para mim a referência que vai me permitir fazer esse mergulho que junte conhecimento e evidência. Transformados em utopia. Não que os outros campos do saber também não o permitam. A fenomenologia, o existencialismo, o estruturalismo, o pós-moderno, todos permitem. Pois tudo depende do modo como construímos, a partir desses campos, nossos modos de olhar o mundo, imaginamos, visualizamos uma sociedade em que possamos nos chamar de irmãos, com todas nossas diferenças, mas na tranquilidade de sabermos que diferença e desigualdade não são o mesmo e só se confundem no contexto de sociedade que vivemos. Imaginando, pois, uma outra, onde possamos dizer adeus desigualdade, viva a diferença. O marxismo reiterado como instrumento de leitura a levar com contundência nesta direção e sentido minha forma de entendimento. Como os outros campos também, para os colegas que com eles trabalham. O que é bom. Parte da aprendizagem. Pois ter uma Geografia viabilizada apenas por um recorte, por um viés de olhar, não é bom mesmo para este viés, porque não há como haver um enriquecimento recíproco, enriquecimento que só vem quando somos diferentes, no sentido dos nossos pontos de partida, nossas ideias, nossas construções, terem seus próprios caminhos. O resto é a práxis. Já que a sociedade que vivemos, o objetivo de modos de vida, eis aí o campo de debate, o salutar e necessário debate.

José Borzacchiello da Silva: Muito obrigado, Ruy, chegou na geograficidade do Dardel. Excelente! Muito obrigado. Bacana, Ruy, meus parabéns!

Vanda Claudino Sales: Ruy, que maravilha lhe ouvir... O seu livro *O que é Geografia*, da Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, que foi publicado em 1980, foi percussor da Geografia crítica no Brasil. Desde então, desde a publicação deste livro em 1980, importantes mudanças se alteraram na realidade do mundo que nos circunda, bem como na sua forma de compreensão pela Geografia. Você já respondeu em parte essa pergunta, mas quero direcioná-la novamente. O que você diria o que é a Geografia nos dias atuais? Pode pautar o livro para indicar essa sua questão, já que ali está parcialmente colocada, mas eu gostaria de ouvir de novo. O que é Geografia nos dias atuais para você?

Ruy Moreira: Acho, Vanda, que um campo que progrediu extraordinariamente, no sentido de nos dar um domínio cada vez maior, cada vez mais amplo, dos entendimentos que tínhamos na

época em que este livro foi escrito, final da década de 70, entrando na década de 80. Também no sentido da pluralidade que acabei de falar, da riqueza do troca-troca das opiniões, das conversações. No sentido de vê-la mais que uma arma de luta, uma forma e veículo através dos quais o homem pode emancipar-se de todas as limitações impostas pelo tipo de sociedade em que vivemos. Nesse viés de pluralidade de entendimento. Mas creio, sobretudo, Vanda, de mais que cobrar uma aproximação da Geografia Física e da Geografia Física, reconhecer que a Geografia Física e a Geografia têm o direito da diferença e autonomia, nossa velha conversa, e até matéria de desentendimentos, mas que não eram desentendimentos, mas aprendizados recíprocos, que naquele contexto de tempo significava ficarmos um pouco olhando meio que atravessados, aborrecidos uns com os outros, mas, como lhe dizia antes de entrarmos na conversa, não existe amor sem ódio, e ódio sem amor, porque tudo significa a dialética do possível, assim como o amor pode se transformar no ódio, que não era o nosso caso, o ódio pode se transformar no amor, que é o que foi acontecendo, até porque uma coisa pode estar implícita na outra, não existe ódio absoluto, não existe o amor absoluto, o que existe, exatamente, é a movimentação de seres enquanto pessoas homens e mulheres, as nossas várias opções, a riqueza das nossas várias opções de possibilidades, de opção sexual, de ideias, de entendimentos, e então fazermos nossas aproximações, nossas buscas e realizações humanas, que só nas relações entre seres é possível de acontecer. Significando a contrapartida científica de os colegas da Geografia Física optarem por ser geógrafos físicos e os da Geografia Humana geógrafos humanos, da Geografia Física se afirmar através da sua confirmação como verdade da Geografia Física, assim como a verdade da Geografia Física se confirmar como verdade da Geografia Humana, ao tempo que cada vez mais se vejam e à Geografia como um campo só, porque nós somos seres corpóreos, e corpo é exatamente aquilo que o tempo inteiro grita para nós, dizendo, cada um de nós é diferente, mas olha, sou Geografia Física e Geografia Humana ao mesmo tempo, a unidade no diverso, porque é por onde me olho, vejo e estou no mundo. Eu sei que é por aí que você está querendo com sua pergunta conversar comigo. Já vi a segunda pergunta, aqui na tela, que Saulo colocou antecipadamente, e lá você está me perguntando sobre isso, sobre a Geografia Física e a progressão do progresso que desde então tivemos.

No meu caso, e neste assunto específico, esta se deu da seguinte maneira, a de que epistemologicamente, porque ontologicamente, não há Geografia Física e Geografia Humana, tomado o olhar sobre nós mesmos como referência, sermos corpo, e, por sermos corpo, somos coisa física e coisa humana, coisa natural e coisa social, integralizadamente, mas metodologicamente, sim, porque estamos diante de fenômenos e leis fenomênicas diferentes. O exemplo do corpo referendando essa dialética de ser e não-ser ao mesmo tempo. Não, pois, no sentido ontológico, o ontológico determinando o epistemológico, porque não existe epistemologia sem ontologia, resposta epistemológica sem resposta ontológica, que a ilumina e define, o ontológico antecedendo em sua resposta ao que o epistemológico busca querer responder. No entanto, Vanda, e é aí que está o lado do progresso da minha parte, metodologicamente, no entanto, entendo que Geografia Física tem que ser Geografia Física e Geografia Humana tem que ser Geografia Humana, porque é o que pede a natureza de seus respectivos conteúdos. Porque são governos de fenômenos e leis fenomênicas diferentes. Verdade que vale para a Geomorfologia e a Climatologia, dentro da Geografia Física, e a Geografia Cultural e a Geografia Econômica, dentro da Geografia Humana, no campo das setorialidades, tomadas estas geografias setoriais como exemplos. Então, penso que progredimos muito, eu, pelo menos, pelo que me parece, no todo a Geografia brasileira também progredindo muito.

Não foi o meu caso, um caso único e exclusivo, creio. É um caso plural, de todos nós. Acho que todos nos enriquecemos bastante nesse trajeto. Acho, Vanda, Borzacchiello e Saulo,

que se não tivéssemos tido os tête-à-têtes do passado, não teríamos tido a progressão de estarmos vivendo essa possibilidade do reconhecimento recíproco das nossas verdades de escolhas de interesses e áreas de trabalho, considerando que cada um tem a sua verdade, a verdade minha não tendo que ser a sua verdade, do Borzacchiello e do Saulo. E assim reciprocamente. Porque aquilo que precisamos é produzir e trocar nossos ensejos enquanto olhares de verdades próprias, porque são verdades que buscam, enquanto verdades, entender o mundo e dizer: bom, do jeito que ele está não aceito, vamos discutir isso, do jeito que ele está aceito, bom, vamos discutir, partindo de ângulos diferentes. A exemplo da conjuntura brasileira atual, porque acho que existe uma unanimidade muito ampla na Geografia a respeito de que não se aceita o que aí está, social, econômica, política, cultural, ambientalmente. E do que aceitavelmente ficaria no lugar. Há que distinguir-se, então, ontológica, epistemológica e metodologicamente os vieses desse tema da Geografia Física e da Geografia Humana, penso hoje assim. Penso que temos simplesmente Geografia, olhadas a Geografia Física e a Geografia Humana ontológica e epistemologicamente, como no exemplo do discurso do corpo, mas campos autônomos e distintos, metodologicamente, olhadas no exemplo de seus entes empíricos específicos. O que significa achar que você sempre teve razão: Geografia Física é Geografia Física e Geografia Humana é Geografia Humana. Metodologicamente, sim. Ontológica e epistemologicamente, não. Essa dialética do sim e do não do campo teórico sendo o que talvez faltou no texto de *O que é Geografia*. Não havia como percebê-la naquela época. O que, antecipando outra pergunta implícita na sua, eu diria sim, se pudesse, se tivesse que reescrever este livro não reescreveria, escreveria outro, embora mantendo o título, mas com este conteúdo que está aqui rolando, desde a pergunta do Saulo, passando pelas perguntas do Zé e agora com as suas, na verdade a pergunta quatro, mas que você desdobra em duas.

Vanda Claudino Sales: Fantástico, Ruy! Que coisa maravilhosa, que progresso que nós estamos vivenciando, tendo a possibilidade de ouvi-lo falar, eu estou aqui extasiada, completamente feliz da vida de ver que o grande professor Ruy Moreira que já fez campanhas homéricas contra a Geografia Física, hoje aceita a possibilidade da Geografia Física no âmbito da Geografia como ciência. Isso é uma coisa absolutamente magnífica! Eu acho que esse registro que está aqui ficando nesta entrevista com você, vai mudar mais uma vez os rumos da Geografia, porque você é um geógrafo crítico e você está dizendo que a Geografia Física pode existir, eu acho que nós vamos novamente, já tivemos um embate no passado e eu concordo com você, mudou-se, possibilitou a gente chegar no hoje. Eu acho que o novo se constrói agora novamente. Muito obrigada, Ruy!

Ruy Moreira: Vanda, regozije-se porque você é minha mestra.

Vanda Claudino Sales: Que honra minha, que honra minha! E você é nosso mestre eterno. Muito obrigada. Saulo, é com você.

Saulo Vital: Obrigado, professora Vanda. Eu vou aproveitar um pouco dessa oportunidade tratando da Geografia Física e Humana, né? Quem sou diante de geógrafos aí que já vêm trabalhando há muitos anos? E, a minha pergunta, professor, vai mais ou menos na direção dessa discussão, mas eu gostaria de antes de fazê-la, se me for possível... Hoje a gente percebe que a Geografia Física tem caminhado em muitos momentos para uma abordagem socioambiental e isso começa, sobretudo, a partir das últimas décadas a se tratar de termos, digamos assim, para definir essa Geografia, ou pelo menos parte dessa Geografia Socioambiental com a chamada Geografia Física Crítica. Eu gostaria de lhe perguntar, se o senhor concorda com esse termo, e o que é que o senhor pensa acerca dos benefícios ou lacunas eventuais que possam trazer para a Geografia? O senhor acha, por exemplo, que ajuda neste processo da tão sonhada unificação da Geografia, ou sei lá, o senhor acha que isto é utopia?

Ruy Moreira: Concordo, sim, com o termo, Saulo. Aliás, é uma expressão que ouço do Chico Mendonça, e não é de hoje, não é, Vanda, seu velho parceiro dos debates de Geografia Física. E acho que acrescenta o que eu disse na conversa com a Vanda, porque, penso, é um exemplo dos ângulos ontoepistemológico e metodológico, digamos assim, do assunto da unidade-diferença. Esclarecendo. Acho que é um tema que une ontológica e epistemologicamente ao tempo que distingue metodologicamente a Geografia Física e a Geografia Humana, campos neste plano distintos, porquanto não há como usar o método da Geografia Humana para explicar fenômenos da Geografia Física, e usar métodos da Geografia Física para explicar fenômenos da Geografia Humana, mas, creio, pede igualmente a dialética que implica encará-las unitariamente, a categoria do meio ambiente, de onde se extrai a noção do socioambiente, sendo exatamente o conceito de integração identidade-diferença que tudo une e tudo junta. Voltando ao tema. A Geografia Humana usa recursos, por exemplo, da Sociologia, e não há como usar leis sociais para explicar fenômeno e lei de conteúdo físico, porque são outros fenômenos e ligados a outros tipos de leis. Assim como a Geografia Física usa recursos, por exemplo, da Física, e não há como usar leis naturais para explicar fenômeno e lei de conteúdo social. Mas, por outro lado, meio ambiente significa fenômenos e leis da natureza (Geografia Física) e fenômenos e leis da sociedade (Geografia Humana) que se amalgamam naquilo que, creio que assim se poderia entender, o conceito do socioambiental, um conceito-fronteira, pode-se dizer, de síntese da natureza e do homem, do natural e do social, à semelhança do conceito do corpo que tomamos acima como exemplo de síntese da história natural e da história social do homem, olhando o corpo na perspectiva duma leitura marxista. Mas poderia também estar pensando o corpo na perspectiva duma leitura fenomenológica, existencialista, estruturalista, pós-moderna, referindo às várias áreas em que a Geografia hoje vem se diferenciando, o corpo da Geografia Étnica, o corpo da Geografia de Gênero, o corpo da Geografia da Religião, o corpo da Geografia Cultural, e assim sucessivamente, o corpo visto e lido por ângulos e propósitos diferentes. O meu corpo, mas também o corpo das coisas inorgânicas, por exemplo, que coabitam o tempo-espaço, coabitação de homens, coisas vivas e coisas físicas que formam um mesmo ecossistema, olhando para a cadeia ecológica biótico-abiótica da ambiência espacial. Cadeia onde processos e formas se encontram enquanto universo e fonte dos valores de uso e, assim, diz Marx, de autopoiesis, relação em que homem e natureza socionaturalmente se auto-criam, homem e natureza se criando e se reafirmando reciprocamente como diversidade e um todo, num ciclo em espiral que não termina nunca. Uma contenda que ele tinha com seus contemporâneos, que, lá nos textos programáticos, diziam que o trabalho, a troca metabólica homem-natureza, é a fonte de todos os valores de uso, quando o trabalho cria novos valores, mas é a natureza é a fonte originária primariamente. Vejo assim o conceito do socioambiental. Daí que cada corpo objetual que tenho na minha sala, onde estou agora, e cada sala de cada um de vocês, é a reprise dessa fusão de Geografia Física e Geografia Humana vistas socioambientalmente.

Isso porque, no tocante a ver tudo isto como sendo a sociedade na sua múltipla composição material e não-material, orgânica e inorgânica, o cunho socionatural é elemento que então me parece apropriado, a categoria que me parece apropriada, real e como leitura teórica, dela vista em sua integralidade globalmente. Conceito expressão de uma categoria de fundo ontológico, porque de uma Geografia Física e uma Geografia Humana intrinsecamente integralizadas numa mesma essência, ao tempo que epistemológico, porque categoria do liame que junta e distingue o natural e o social enquanto valores de conteúdo, e metodológico, que separa e dá conta discursiva empiricamente de seus universos de entes de singularidades distintas. Uma casa é um fenômeno socioambiental, uma usina hidrelétrica é um fenômeno socioambiental, um corpo, são, pois, fenômenos socioambientais, exemplares do socioambiental categoria teórica e do real posta no umbral do mergulho para o ontológico, de

um lado, e para o metodológico, de outro, validando a dialética do sim e do não da Geografia Física e da Geografia Humana como coisa única, ao tempo que coisas distintas, pensando o assunto agora.

A noção socioambiental seria, pois, um para-além, fronteira Geografia Física/Geografia Humana e fronteira ontologia/metodologia, pensemos assim, que me permite pensar a mim mesmo, me pensando como sociedade, e me pensando como natureza, no sentido da minha completa integralidade, usando expressões de Henri Lefebvre, para quem o homem é um homem-espécie que se autotransforma em homem-gênero, tornado um homem integral, e assim homem-total, nessa transfiguração de metamorfose, como ele chama. Está me parecendo isso, então, Saulo, concebida a categoria socioambiental como o conceito ontológico que nos possibilitaria fazer exatamente este tipo de leitura de mim mesmo, a leitura de um eu que se diz espécie transformada a si mesma em gênero, um ser humano integral, o homem total que vai levar-me ao conceito de humanidade, ao tempo que um não-igual, diferente, no plano comum do inigual-idêntico de entre os distintos eus, pedindo processos e referências de procedimentos metodológicos unitários-diversos diante de cada singularidade e universalidade que contempla. É fato que cada um de nós é diferente um do outro, nós quatro que estamos conversando aqui somos diferentes, mas ao tempo que também idênticos, cada qual sendo o humano na sua maneira própria de ser. Seres de uma sociedade socioambientalmente construída na relação de desintegralidade homem-natureza que hoje nos obriga a nos preocupar com um vírus que vira uma doença que leva a essa mortalidade gigantesca por conta da dissociação orgânica que nos separa em homem e natureza como mundos absolutamente distintos Preocupados de olharmos para os últimos cinquenta anos e pensar que nos próximos ouviremos o mundo socioambientalmente como unidade ou nos arriscamos a carregar a sequência de virologias que se repete há um intervalo de tempo cada vez mais curto, acudados por, de repente, daqui há cinco anos, já estarmos perecendo diante de novo surto de epidemia, eternizado como modo de vida. Porque é isso que está acontecendo. É o que nos diz o conceito. Nos últimos 50 anos, tivemos pelo menos três ou quatro surtos de epidemia, considerados aquelas de efeito planetário, efeitos gigantesco, nas consequências Este talvez tenha sido o ciclo mais forte, mas se recuarmos ao começo do século, aí, então, verificaremos ser algo recorrente, algo que vem acontecendo e em uma aceleração de sequência cíclica na história da saúde e da humanidade, que é fruto da relação homem-natureza então enjambrada pela acumulação primitiva, e quem pode explicar é o geógrafo, não a Geografia Física pura, não a Geografia Humana pura, mas a Geografia socioambientalmente vista, significando conhecimentos combinados de Geografia Física, mas não de Geografia Física pura, e de Geografia Humana, mas não de Geografia Humana pura, puras no sentido metodológico, mas ontoepistemologicamente unidas no sentido socioambiental, a unidade de integralidade que permita realizar o propósito de a Geografia ajudar a sociedade a enfrentar tudo isso, juntando conceitos, recursos de método e visões de totalidade, que penso, Saulo, bem pode ser o da categoria da socioambientalidade.

Saulo Vital: O senhor acha que, por exemplo, nessa abordagem socioambiental a Geografia encontra a sua essência ou ela pode ser feita em alguns momentos como o senhor bem falou, no sentido metodológico, somente Geografia Humana pura e somente Geografia Física pura?

Ruy Moreira: É uma pergunta um pouco difícil de responder, porque a essência remete habitualmente ao conteúdo interior da coisa, de cada coisa, coisa no sentido filosófico do termo. E não acredito numa essência geral, num ser geral, pois isso seria condenar a determininidade da história. Então, se falo de Geografia Física, e reconheço que ela existe metodologicamente, devo reconhecer que ela tem uma essência em si, não é? Dada antes de mais pela qualidade de Geografia. O mesmo podendo pensar da Geografia Humana. Por isso é que elas são diferentes

do ponto de vista metodológico, mas uma ciência única do ponto de vista ontoepistemológico. Mas uma vez que estou me reportando a uma ciência que, no final das contas, sai de mim, seja na forma singular da Geografia Física, seja na forma singular da Geografia Humana, ou unidiversa da Geografia, é produção minha, quero dizer do homem, do ser humano, para o propósito de auto-ajudá-lo a entender-se e autoconstruir-se, correspondências na minha mente da realidade objetiva, traz ela necessariamente consigo mesma toda a carga dessa determininidade. Tipo, o relevo é a coisa e a Geomorfologia a ideia da coisa. Mas coisa e ideia da coisa guardando a imprescindibilidade de relação uma da outra, naquilo que o relevo, o empírico, e o conceito, o concreto, têm dialeticamente de correspondência no construto Geomorfologia. Aí vou ter que pegar a natureza, extrair dela as categorias que chamo Geografia Física, pegar o homem, extrair dele as categorias que chamo Geografia Humana, pegar a sociedade enquanto síntese unitária homem-natureza, extrair dela as categorias da totalidade que chamo Geografia, e dessa relação de correspondência (as categorias são do real, não da minha cabeça, que a razão apreende, abstrai e devolve ao real como conceito) derivar o que chamo a sua (da natureza, do homem, da sociedade) essência. Essencialidade que é o grão de verdade (verdade como discurso do conteúdo constitutivo do real) que a Geografia Física, a Geografia Humana, a Geografia enquanto construtos verbalizam e encarnam.

Então, se eu entender que seria isso a Geografia, o discurso do mundo enquanto um discurso de unidade-diversidade do homem e da natureza unidade-diversidade configurada em forma histórica de sociedade espacialmente organizada, o ser-estar antes mencionado, a essência é a forma instrumental de apreensão, o logos, daí *geografia*, com que captura e reproduz as propriedades do real que representa. Aí estaria falando de uma essência da Geografia. Mas ao mesmo tempo derivativamente Geografia Física e Geografia Humana. Mas há ainda que acrescentar-se uma outra propriedade, ainda de natureza epistemológica, que é o balizamento da práxis, a verificação da verdade que só a prática da teoria, a prática praxiológica, realiza. Só, então, na atitude teórico-prática da avaliação da construção do mundo como mundo do homem em sua relação de autopoiesis com a natureza como verdade de um construto, a essência da Geografia se define. Tomada a definição da Geografia como a totalidade unidiversa do ser-estar do homem no mundo como realidade fenomênica. Claro. Mas que vale como reflexão, penso, para qualquer outro modo de entendimento. Posso, então, falar de essência e essencialidades, a unidade e o plural da Geografia enquanto o uno-diverso de Geografia Física e de Geografia Humana de nosso diálogo, para me referir à essência da Geografia. Então, arrematando, diria, a essência da Geografia é a unidade plural-diversa de suas propriedades compósitas, essencialidades do plural de entes categoriais da natureza e do homem, cada ente singular tendo sua essência, essência, entretanto que advém da sua teia recíproca de relações. Verdade para um ente fenomênico – a rocha, o relevo, o solo, o clima, a flora-fauna, a cidade, o campo, a cidade – na infinitude da singularidade (a imensa diversidade de fenômenos e leis fenomênicas que compõe a totalidade do mundo), verdade para a teia interacional de relações que faz dessa infinidade – é a relação que faz a coisa, não a coisa que faz a relação, embora numa dialética de reciprocidade – uma mesma totalidade na universalidade que conteudiza num só logos – o mundo – essa singularidade infinita..

Essência do mundo. Essência da Geografia. O que vale para a Geografia valendo para a Geografia Física e para a Geografia Humana, para as geografias parcelares, pois, na medida que são Geografia. Campos de essencialidades próprias que pela reticularidade (a rede determinante das relações) se juntam num ponto-totalidade conjunto de essencialidade. Esse ponto sendo a veracidade praxiológica de tudo isso. Qual seja, o ato teórico-prático do homem enquanto ser que se autoconstrói pela construção do seu mundo como uma pletora de práticas espaciais. Diríamos, socioambientais. Entendendo que o tema afinal da Geografia é a

autopoiesis – o ser-estar unitário-diverso do homem que como sujeito tudo junta no sentido da sociabilidade que tudo une e tudo significa – e a verdade da autopoiesis como sua essência.

Saulo Vital: Perfeito professor, obrigado pela resposta. Estamos com um tempo bom aqui ainda para dar continuidade. Gostaria de agradecer às mais de cem pessoas que estão conosco ao vivo. Já conversei bastante com o professor Ruy Moreira, vou deixar um pouquinho para o professor José da Silva agora fazer suas perguntas também.

José Borzacchiello da Silva: Agora, abordarei um tema muito caro para você, para Vanda, para mim, muito caro mesmo. Quero expressar na minha pergunta, a percepção que tenho de você - um eterno militante em prol da Geografia brasileira. Vejo-lhe na AGB, exercendo um papel preponderante. Na AGB você alcançou uma expressiva visibilidade. Qual é a leitura que você faz do desempenho da AGB nos últimos anos? Penso que nós nos construímos dentro da AGB, nós firmamos nossa posição de Geografia dentro da AGB. Como você está vendo a AGB nos últimos anos?

Ruy Moreira: A AGB é uma das nossas grandes escolas. Eu diria que a sala de aula também, bem como a ANPEGE, esta uma escola recente. A AGB é uma escola mais antiga, mais que do imaginário dos anos 70 anos. Escola, a AGB, todavia, como qualquer instituição, tem, por tradição, uma história de montanha russa, seus momentos de grande pico e momentos de descida e grande declínio. Uma história em que aqui perde importância, dando a impressão de que desaparece, de que acabou, e ali, mas não inesperadamente, ganha importância novamente, porque ela continuou existindo quando na aparência desaparecia, e volta a ter aquele pique, a importância primordial de antes, superando a crítica tipo não existe mais a AGB de antes, mas para, enfim, existir de outro modo, como agora.

Vejo neste momento, até por conta do enfrentamento da epidemia, epidemia em todos os sentidos, sanitário, político, econômico, social, intelectual, a AGB retomando o seu pique de importância histórica. Volta e meia, mexendo em uma rede social, tipo Facebook, Youtube, Instagram, vejo uma live da AGB. Por exemplo, nestes dias, em que houve uma série de homenagens, como vocês fizeram, e eu não pude participar, do dia do geógrafo, todas as seccionais da AGB realizaram seus debates. Isso em meio a muitas outras. Então, para o meu agrado pessoal, vejo que são lives que vêm acompanhadas de uma atitude crítica face o que vem acontecendo, com consistência, contundência e muito forte. Algo que recupera aquele pique de questionamento do tempo da ditadura, que nos acostumamos a conhecer. Aquela AGB da militância que a gente ajudou a construir. Você foi presidente da AGB, eu também, ajudando nessa construção de uma AGB atuante e forte. Foi assim nos anos 70. Depois, a partir de certo momento, como que desce a montanha russa, mas que, logo descubro, não é o fundo do poço, porque não há poço, fundo da montanha russa, mas a maneira de a AGB movimentar-se historicamente, e compartilhar do momento geral de baque das entidades, como vemos acontecendo, por exemplo, com a CUT, seus momentos de ascendência e descenso, acompanhando o momento da chamada Nova República, que se repete com a generalidade dos sindicatos, com a SBPC. Não é isso? Porque uma entidade não existe fora e isolada no planeta, mas interiorizada numa conjuntura, e assim como é importante numa conjuntura contundente e transformadora, é decadente numa fase inexpressiva, fase de refluxo, perdendo importância e contundência aparente face a conjuntura fraca. E no momento que uma conjuntura forte enfraquece, o enfraquecimento se estende a todas as instituições e entidades existentes, como a nossa, dando a impressão que deixaram de existir. Isso acontece com o próprio Estado, que é uma instituição que, sempre, para o bem ou para o mal, necessariamente está presente, mas que tal qual o Estado, apesar deste no fundo nunca subir e descer, no entanto reaparece, sendo esta

a história da AGB, desde a década de 70, nunca deixando de existir. Agoniza, mas não morre, como o samba de Nelson Sargento.

Eu faria uma leitura crítica, Zé, às vezes até com certo sentido de condenação, para certos aspectos administrativos, certos aspectos de relacionamentos, mais de proveitos, próprios aos momentos em que a AGB perde um pouco o caráter de uma entidade que promove o embate da ciência, histórico do seu perfil e compromisso, caráter chave do relacionamento por onde nos promove, ao tempo que a promovemos com nossa personalidade, diria eu, enquanto nossa escola, dando à entidade um caráter de promoção de outro tipo, mas que não a leva à perda de nosso envolvimento costumeiro, ainda assim referendando-a, sempre. No fundo foi ela que me deu, retornando-lhe com um pouco de minha parte, o que hoje sou. Então, cada um de nós retirou muito dela, assim como tirei muito da sala de aula, não ainda, todavia, da ANPEGE, mas para sempre lhe dar o benefício da primazia.

É uma pergunta muito bacana, Zé, oportuna, para conversarmos, passando em revista, sobre o papel e a importância da AGB, nosso referendo, juntos, e não acriticamente, da sua história de matriz e escola da Geografia brasileira. E de construção coletiva.

José Borzacchiello da Silva: Com certeza, muito obrigado Ruy, é isso aí, A AGB é parte da gente. Vanda foi da nossa diretoria, então falar de AGB emociona muito não é, Ruy? Claro que os tempos são outros. Sentimos falta do contato direto nesse tempo de tecnologia da informação, de redes sociais. O contato informacional a partir das redes oferece a possibilidade da AGB continuar exercendo este papel histórico que ela tem desde 1934. A permanência dela é algo fantástico, não é? Ela está aí, pode ter problemas como toda sociedade está tendo e você exemplificou muito bem com a CUT, os partidos políticos, e os movimentos sociais de modo geral, mas a AGB é uma permanência em nossas vidas e isso é muito importante. Muito obrigado, Ruy. Agora, é com você Vanda.

Vanda Claudino Sales: Ruy, é grande um privilegio te escutar nesta tarde, eu acho que essa entrevista vai ficar para a história, que você está trazendo para a gente pontos de vista fundamentais sobre essa nova perspectiva de Geografia e de atualidade, e isso realmente é impagável. E eu tenho uma pergunta para você que vai fugir um pouco da parte teórica, epistemológica, pode até se dizer que é uma pergunta feminina, nós temos a curiosidade na pessoa Ruy, na sua ligação com a Geografia. Eu gostaria de saber de você, para ficar registrado para que as pessoas do futuro possam lhe ver como um pensador, mas também pela pessoa Ruy Moreira geógrafo e geógrafo crítico. Eu queria saber de você, qual a pior e qual a melhor experiência em Geografia que você teve?

Ruy Moreira: Oh! Vanda... vou começar pela melhor, porque eu não me lembro da pior. A pior experiência da Geografia..., não me lembro, porque a Geografia foi sempre algo positivo na minha relação. Se você me ajudar, de repente eu consigo descobrir.

Vanda Claudino Sales: Não teve, né? Pelo que vejo a Geografia só foi coisa boa para você e para nós.

Ruy Moreira: Olha só, deixa eu fazer a lista e você mesma vai pondo na balança. A Geografia me fez o que eu sou, no sentido da compreensão do mundo, da melhor vivência com o mundo, do comprometimento com um mundo melhor. A Geografia é...

Eu disse para vocês que quando cheguei à universidade, de certa maneira já era uma pessoa política e ideologicamente formada, porque eu não tenho uma militância que surge, que começa na universidade. O período que trabalhei no ambiente de fábrica, ali começa minha formação. Eu não tive militância na minha vivência de bairro, a minha percepção de vida não chegava à

de um geógrafo urbano de hoje que chega e diz: olha a cidade é um ambiente que a gente precisa compreender para conhecer e mudar. E, olha só, ela é isso, ela é assim, ela é desse e daquele jeito, ela administra você no seu modo de viver, dessa maneira ou daquela, ela contribui ou deixa de contribuir para você dessa ou de outra forma, e, eu, consciente disso, então passo a fazer minhas intervenções. Então, minha memória do meu tempo de subúrbio é muito grande e muito forte, mas de formação, não de vida consciente, de militância, em cima da minha realidade, do meu bairro vivido. Eu morei no subúrbio da central do Brasil, que o Zé conhece muito bem, que é Marechal Hermes, área de influência de Madureira. Quer falar de periferia suburbana pobre do Rio de Janeiro, então pode pegar o exemplo de Marechal Hermes, onde morei, ali na fronteira com Bento Ribeiro, Rocha Miranda, Honório Gurgel, Barros Filho, Fundação da Casa Popular. Morei exatamente na linha de fronteira desses bairros. Mas na fábrica, eu tive. Por isso é que eu disse que no trânsito entre o garoto e o professor universitário trabalhei num complexo industrial de cinco fábricas, numa das quais trabalhava a minha mãe, a têxtil, era uma fábrica de tecidos, uma fábrica de biscoito, o famoso biscoitos Aymoré, acho que ainda existe, uma fábrica de trigo, por isso também uma fábrica de biscoito e massas, de ração e de encerados. Era o famoso Moinho Inglês, no bairro da Gamboa, nome que acaba sendo estendido a todo o conjunto das cinco fábricas. Em grande parte porque centrado no moinho de trigo. Ali perto fica o Armazém 3, na Avenida Rodrigues Alves. De um lado ficava, porque não mais existe, só existe a antiga Chaminé, muito alta, da fábrica de massas e biscoitos, o Moinho, com seus prédios separados por uma rua interna finalizada numa praça, de outro, o Porto do Rio de Janeiro, e atravessando tudo isso, ligando um lado e outro, a ferrovia, que pegava o trigo importado desembarcado no porto e levava para dentro da fábrica, que ali era transformado na farinha que dava no fabrico das massas e biscoitos e o restolho do trigo transformado em ração, por isso que além disso havia também uma fábrica de encerados, que eram aquelas cobertas que no passado eram de lona, pano, não é isso, que as carretas, os caminhões, que transportavam os seus produtos, usavam, para proteger recobrando as mercadorias, para que não caíssem na estrada. Então, uma fábrica de tecidos, uma fábrica de biscoitos e massas no geral, uma fábrica de trigo, uma fábrica de ração e uma fábrica de encerado distribuídas em prédios dispostos ao redor da rua e da praça, e no meio de tudo isso, na praça do fim da rua interna, o escritório central, que administrava todo esse complexo de fábricas, onde eu trabalhava como office-boy. Daí que eu ia nos escritórios das administrações específicas para levar correspondência aos gerentes das fábricas e de volta trazia correspondência dos gerentes para o escritório que centralizava tudo isso. Então eu circulava por todo o complexo fabril, e na indústria têxtil, sobretudo ali, parava para conversar com minha mãe, seus amigos, que eram todos amigos meus, muitos deles sindicalizados, e sindicalizados em um dos sindicatos mais fortes daquela época, que era o sindicato dos têxteis, muito ligados ao partidão. Ali fui tendo contato com as coisas, com as ideias, a política que reinava no Brasil. Quando eu entro na universidade, levo toda essa bagagem, o conhecimento e leitura da literatura que lá conheci, por exemplo, a literatura marxista. Não fui, pois, da vida intelectual para o marxismo, fui da fábrica para o marxismo e do marxismo para a vida intelectual. Vale dizer, para a Geografia. E a experiência consciente do espaço vivido. Que só com a Geografia obtém-se. Um rio que completa seu curso. Tenho já, pois, um rol de leitura ampla, de romances e obras políticas, que com o conhecimento trazido pela Geografia se tornam um caldo de militância bastante forte. Aí ganho o esmeril que aperfeiçoa a amadurece as ideias, os conhecimentos, a capacidade embasada do entendimento. É um balanço positivo, que devo à universidade e nela ao ambiente e o convívio da Geografia. À universidade, e para além dela.

Através da Geografia entro em contato com uma massa muito grande de colegas, o benefício da aproximação, o aprendizado recíproco, no sentido de confirmar que a Geografia é

um recurso extremamente importante, o recurso que se aquele menino do tempo da fábrica dissesse, com toda certeza teria se debruçado na sua literatura, a literatura geográfica, com agana e o desejo de conhecimento com que foi às outras, ao poder do uso dos conhecimentos grandes e fortes que a ambiência da Geografia trouxe nessas aproximações. Fato é que, assim como da realidade, a ambiência da Geografia me aproximou muito de muitas pessoas, criou muitas amizades, me ajudou a transferir dos colegas mais cultos certas partes de conhecimento geográfico que eu, na contrapartida, busquei compensar com as minhas. Há, então, uma interação, Vanda, que, posso dizer assim, fez da sala de aula, da AGB, da convivência geográfica, a escola de vida a que atrás me referia. Tanto quanto na Universidade a militância no centro acadêmico, no DCE, na UNE, no partido político, escolas, por igual importantes. E, agora posso acrescentar essa coabitação com vocês nesta live, parte dessa multidão de colegas, que, no longo do tempo, deram forma sistemática ao arrumado de cabeça que o garoto do bairro e da fábrica, agora professor de Geografia, traz consigo.

Então, Vanda, você me pergunta qual a pior e a melhor experiência na Geografia que teve. Respondo: o trajeto dessa experiência.

Outra experiência que acrescento, esta através, mas ao revés, da contribuição da Geografia, sempre olhando as leituras do tempo do garoto, é o mergulho por sua vez que através dela faço na minha literatura de base de referência. Nunca mergulhei tão profundamente, tão intensa e extensivamente, como por meio dela, no estudo e conhecimento do marxismo. Dado que para poder explicitar num viés marxista a Geografia, tive que entendê-lo ainda mais, e para entender o marxismo num viés da Geografia, tive que entender mais a Geografia. Tendo que aprender a distingui-los. Porque uma coisa é a Geografia e outra coisa é o marxismo. Mesmo que falem das mesmas categorias, falam-na noutra linguagem. E o problema é juntá-las, sem dissolvê-las, fazendo marxismo achando que está fazendo Geografia e fazendo Geografia achando que está fazendo marxismo, e confundi-las. Foi um erro crasso que nós cometemos naquele período dos anos 70, da chamada Geografia da renovação que muitos preferem chamar Geografia Crítica, mesmo com a advertência de Manoel Seabra, convívio de belo aprendizado, da impossibilidade de uma Geografia Marxista, o possível sendo uma teoria marxista na Geografia. Assim como Lukács observara para a arte e o Estado. Advertência que só com o tempo caiu a ficha. Se quero então fazer uma leitura marxista da Geografia, criar uma teoria marxista da Geografia, tenho primeiro que mergulhar fundo na Geografia, porque sem a familiaridade ontológica, epistemológica e metodológica profunda com ela, não tenho como fazer qualquer refundação, como então era nossa intenção em sua relação histórica com o positivismo (a Geografia Física) e o neokantismo (a Geografia Humana) e a onda neopositivista da new geography, a geografia quantitativa. Observação válida, de resto, para qualquer ponto de partida, seja qual for o referencial. Não consigo produzir, a exemplo do marxismo, uma teoria fenomenológica da Geografia, uma teoria positivista da Geografia, uma teoria existencialista da Geografia, uma teoria neoautonômista da Geografia. Há que conhecer a Geografia. E, vice-versa, o referencial de base de partida. Verdade que vale, Vanda, para a Geografia do todo e as Geografias parcelares, a Geografia de Gênero, que eu imaginei fosse a pergunta que você iria me fazer, a Geografia Étnico-racial, a Geografia Cultural, a Geografia da Percepção, olhando para as atuais tendências pós-modernas e fenomenológicas. Porque no momento da práxis, aquela síntese que é o conteúdo empírico-concreto essencial, total e em todas as essencialidades, é o que importa.

Pois muito bem, nunca estudei tanto Geografia e nunca estudei tanto marxismo. Por isso nunca estudei tanto história das ciências e filosofia. E a história das teorias e das lutas sociais. Como a dos trabalhadores de bairros (a Geografia Urbana), dos campos (a Geografia Agrária)

e das fábricas (A Geografia Operária), esta última, cruzada com aquelas, de que resulta minha dissertação de mestrado, publicada como *O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil*. E boa parte dos meus livros é o fruto disso, consequência desse mergulho mais profundo simultâneo na Geografia e no marxismo. E nunca me concentrei tanto na tarefa de reuni-los numa síntese. Eis porque, Vanda, neste momento da vida posso dizer que tenho um conhecimento profundo dos domínios da Geografia e dos domínios do marxismo, e isto devo ao fato de ser um professor de Geografia, na obrigação de oferecer aos garotos de hoje, que são os garotos de ontem, uma visão concreto-científica sem a qual qualquer militância não passa de um discurso do vazio, uma ideologia sem fundamento, uma prática de política sem o respaldo que leva ao equívoco e ao erro na relação com o real. Dívida que tenho com a sala de aula, a AGB, a multidão dos colegas da área da Geografia. E, aí, você fez o balanço?

Vanda Claudino Sales: A minha pergunta era, eu vou tirar você da teoria, e colocar você no dia a dia, e você nos levou para a teoria novamente.

Ruy Moreira: Porque Vanda, você falou de ligação com a Geografia, esta com maiúscula, então entendi que estava falando da relação com a ciência. Mas estava falando de outra experiência de vida?

Vanda Claudino Sales: Não eu estou falando de tudo Ruy, foi perfeito, está ótimo, foi magnífico, o meu respeito por você só cresce, ouvindo agora estas suas palavras em relação à Geografia, em relação a suas experiências positivas e negativas, negativas não tem nenhuma, então é uma admiração enorme.

Ruy Moreira: Você quer outra experiência boa da Geografia?

Vanda Claudino Sales: Quero, diga lá.

Ruy Moreira: Ter conhecido você e continuar nessa relação com você. A mais positiva de todas.

Vanda Claudino Sales: Muito obrigada Ruy, muito obrigada pela grande gentileza, fico emocionada.

José Borzacchiello da Silva: Saulo, é com você!

Saulo Vital: Obrigado, professor. Eu vou deixar aqui a última pergunta para o final da live mesmo, estamos com uma hora e vinte e quatro minutos, queria aproveitar ainda estes minutinhos que nos restam, para colocar também os nossos internautas aqui, as perguntas que muitos estão fazendo aqui, muitos elogios ao professor Ruy, já era de se esperar. Tem uma pergunta aqui professor, é do Wanderson da Costa Almeida. E ele diz assim: [...] usando esta citação de Marx, pergunto: é possível a crítica dentro esta barreira mencionada dentro das Academias e da vida material? Não sei se o senhor entendeu, mas está na tela.

Ruy Moreira: Qual citação, Wanderson?

Saulo Vital: Ah, deixa eu ver aqui, acho que ele colocou aqui professor, está aqui na tela...

Ruy Moreira: Ok, Wanderson, a citação da ideologia de *A ideologia alemã*. Mas deixa eu relembrar um pouco o pensamento do Marx, porque diz ele que a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante, mas Marx diz implicitamente que existe também a ideologia do dominado, jamais afirmando que não é por impor a classe dominante a sua ideologia de dominante que os dominados deixam de ter a ideologia deles, ao contrário, porque assim não teria havido na história nenhuma revolução. Se por exemplo pegarmos a história da sociedade escravocrata romana, talvez o exemplo mais apropriado dos que eu poderia lembrar, apesar de toda ideologização do senhor sobre os escravos, estes não conseguem evitar a série de rebeliões

escravos que acontecem em vários momentos. O que leva a despeito da ideologia os escravos a frequentemente se rebelarem? As contradições do sistema, que geram e reanimam a ideologia de liberdade dos escravos, como aquela liderada por Espártacos, o exemplo da maior das rebeliões, um escravo que organiza uma rebelião vitoriosa que atrai e mobiliza todos os escravos espalhados pelo imenso território da sociedade romana, e faz dele o gênio militar das rebeliões populares do longo dos tempos, a organização política de Rosa Luxemburgo chamava-se Liga Espartaquista, a que a classe dominante só tem por alternativa, sufocar a rebelião do ponto de vista físico para tanto tendo que realizar a maior mobilização de despesas e de tropas que Roma conheceu. As ideias da classe dominante são as ideias dominantes de todas as épocas, diz Marx, mas, poderia acrescentar-se, os dominados, no entanto, continuam com suas ideologias, e delas usam para organizar todos os tipos de ação no sentido de quebrar com a sua condição de dominados, fazendo o seu contra espaço, até chegar à própria eliminação da sociedade a eles contrária.

Trazendo isso que o nosso campo, a história da Geografia mostra justamente ser ela algo ao qual a gente pode aplicar este mesmo raciocínio. Na década de 70, por exemplo, condenávamos muito a Geografia do IBGE, não os colegas do IBGE, mas o IBGE enquanto instituição de uma Geografia do Estado, então o IBGE enquanto uma entidade do Estado realizando através dos ibgeanos a produção de uma Geografia a serviço de uma classe dominante, a brasileira. Eu fui estagiário no IBGE durante certo tempo, tenho a impressão que o Zé Borzacchiello também, e tenho a impressão que até chegamos a nos cruzar por lá, fui contemporâneo do Jorge Marques, João Rua, Luís Antonio, na universidade e no IBGE, para lembrarmos. Lá, convivendo com os colegas geógrafos, percebi que não havia um aceite consensual do IBGE ser uma instituição de uma Geografia de Estado, serem geógrafos do Estado e a serviço do Estado, mas de uma instituição do Estado, como somos nós, professores de universidades públicas, e mesmo do tipo de Geografia que produziam, mas produzindo aquilo que a instituição do Estado esperava que produzissem. Mas se dermos uma lida atenciosa, aquele mergulho hermenêutico que citava um pouco para trás, para vermos, na volta do mergulho, as exigências dos textos ibgeanos e fazermos ali a leitura das ideias nos interstícios dos poros desses textos, iremos ver muitas críticas ao sistema, ao capitalismo, ao Estado, embora não explicitado, à ditadura. E justamente por isto, havia, assim, uma espécie de escolha de parte do Estado da direção do IBGE, daqueles que iriam administrar o IBGE e os setores internos do IBGE, embora, às vezes, com todo o autoritarismo do Governo da ditadura e dos seus representantes internos, tínhamos em muitos dos departamentos, como o de Geografia e o de Meio Ambiente, uma espécie de autogestão, como em nossos colegiados de departamento, nossos colegiados de Geografia, autodirigindo nossas decisões departamentais, das aulas, dos currículos, das linhas dos concursos, e assim sucessivamente. Com um monte de pecados, mas também com um monte de virtudes, nesta autogestão. Foi o que vi no IBGE dos anos 1960-1970. Fui trabalhar com Roberto Lobato, num departamento dirigido por ele, na época que o IBGE estava fazendo os mapas de micro, meso e macro regiões homogêneas e polarizadas – fui desse tempo que a minha vista começou ficar arrebentada a partir dali –, que a gente fazia fazendo, a luminária em cima, a transposição de dados das planilhas levantadas pelas agências regionais. Com grande autonomia de movimentos, por sinal. Lobato garantia essa autonomia, por exemplo, sempre muito seguro e muito lúcido no que fazia. Hoje o geoprocessamento faz tudo isso com os pés nas costas!

Isto é um exemplo doméstico da expressão do desdobramento de Marx, da classe dominante que impõe sua ideologia, mas não consegue ser assim completamente vitoriosa. Por isso a revolução é sempre uma possibilidade na história, porque embora dominados mesmo sob a ditadura mais sangrenta – não foi, felizmente, o caso do IBGE, um pouco à exceção do

Orlando Valverde, relegado a uma Seção Norte, a seção da Amazônia, desmontada pela direção do IBGE, para onde depois fui transferido – estes mantêm a cabeça autônoma frente à repressão do corpo. Daí muitos heróis da resistência da época da repressão da ditadura terem sido, aqui e ali reprimidos, torturados, porque a ideologia está dentro da nossa cabeça e esta resiste, resiste a tudo, até mesmo as agruras do corpo. Agora o bom é quando a ideologia ganha o corpo inteiro, aí nada impede que a gente vá para a rua, como está acontecendo nos dias de hoje.

Não sei, Wanderson, se acabei desviando a sua pergunta ou se acabei por respondê-la a contendo. Entendi que você quis que eu fizesse a consorciação do dizer de Marx, dessa citação, com tudo aquilo que a gente vinha conversando a respeito das transformações, das mudanças e da história da Geografia no mundo e entre nós desde os anos 1970. Se não, Wanderson, pergunta de novo, que retomo a resposta com todo o prazer. De todo modo, muito obrigado pela pergunta.

Saulo Vital: Certeza, professor! Tem muitos aqui conosco. Deixa eu ver se tem, eu vi algumas perguntas no meio da live, vamos ver se ainda nos permite visualizar essas perguntas, mas quem tiver perguntas, pessoal, pode aproveitar aqui. Tem uma pergunta do Marcelo Dantas, ele pergunta assim: por quê que ocorreu um afastamento da Geografia Física da Geografia Crítica a partir dos anos 80? Qual a estratégia de reaproximação prática de Física e Humana em estudos geográficos completos?

Ruy Moreira: Deixa na tela, Saulo.

Saulo Vital: Deixo sim, professor.

Ruy Moreira: Alô, Marcelo. Eu responderia dizendo o seguinte: ocorreu um afastamento porque muitos de nós, da chamada Geografia Crítica, e creio que vice-versa, não fomos muito hábeis na relação com os colegas da Geografia Física. Acho que você e todos acabaram de perceber, neste meu diálogo de carinho recíproco com a Vanda, que em certos momentos houve arrufos e desentendimentos entre alguns de nós, mas, falando de mim mesmo, pessoalmente com Vanda, com Francisco Mendonça - lembro como se fosse hoje, Vanda, eu brigando com você e Chico Mendonça –, os dois insistindo o tempo inteiro, defendendo a Geografia física, e eu dizendo que a Geografia Física não existe. Porque o homem e a natureza formam uma unidade e por isto teria que se ter como tarefa prioritária a fusão da Geografia Física e da Geografia Humana. Creio que um dos motivos advém da forma das críticas, digamos assim, as mais das vezes ríspidas de nós, não em si do afastamento, mas da reação à insistência na fusão, que só o diálogo adequado elucidaria, até porque não tínhamos o entendimento que eu pessoalmente tenho hoje, de que sem a unidade e diversidade da Geografia Física e da Geografia Humana não se compreende o mundo do homem, porque o homem é corpo e o corpo é, ao mesmo tempo, ontologicamente, Geografia Física e Geografia Humana, e epistemologicamente dar conta dele o adequado é unir, sem dissolver, uma coisa na outra, casando as duas, por tudo ser Geografia, a dimensão geográfica aparecendo una e distinta a um só tempo na interação, pois se queremos entender o mundo do homem e do homem como homem no mundo, temos que entender que tudo começa e termina na reprodução do corpo, sabendo que na sociedade que vivemos, a sociedade do capitalismo, o controle do homem se faz através do controle do corpo, mediado pelo controle da mente, a ideologia, pelo diálogo que acabei de ter com o Wanderson, o que só é possível unindo e separando, ao mesmo tempo, natureza e sociedade, Geografia Física e Geografia Humana. Faltou, no então, a compreensão mais intensiva da relação da natureza/Geografia Física e sociedade/Geografia Humana, vista na perspectiva da formulação epistemológica da particularização do método, que diz, fusão, mas, alto lá, respeitando a verdade da cientificidade científica da Geografia Física e da Geografia Humana, que diz que as leis que regem a natureza são leis da natureza, e as leis que regem a sociedade são leis da sociedade, o homem-corpo é, a um só tempo, natureza e sociedade, está dentro de

uma e ao mesmo tempo dentro de outra, não havendo como explicar um fenômeno natural usando para explicação uma lei, uma categoria ou um conceito tirado da Geografia Humana, e, vice-versa, um fenômeno social usando para explicação uma lei, categoria ou um conceito tirado da Geografia Física. O problema se resolvendo na unidade ontológica e na diversidade metodológica contidas epistemologicamente, por exemplo, no conceito fundamentalmente essencialista da leitura socioambiental, como conversava com Saulo. A inabilidade e o ainda fraco domínio formativo das ideias, são os motivos, certamente, do afastamento, uma certa falta de habilidade e, até mesmo, arrogância, pautada por uma certa ignorância, ignorância mesmo, de conhecimento empírico e teórico da natureza ontoepistemológica do conteúdo seja da Geografia Física e seja da Geografia Humana. Posso dizer isso hoje tranquilamente porque, teoricamente, me aprofundei desde então muito na questão. De lá para cá, tenho estudado muito o tema. Talvez até se explique que, naturalmente, naturalmente entre aspas, não era possível ter tal diálogo naquele contexto, muito açodado, de tempo – tempo marcado politicamente pelos debates de mudança e novos rumos da AGB, que acabei de conversar com o Borzacchiello –, olhado o domínio teórico do tema da relação e diferença da Geografia física e da Geografia humana, então precário, que hoje temos.

De todo modo, há uma temporalidade demarcada de ideias para e das coisas. Achávamos que tudo se respondia numa e por uma ecologia crítica. E que, então, Ecologia Crítica e Geografia Crítica eram nomes diferentes para a mesma coisa. De certa maneira, a relação com meu herói da Geografia Física, Jean Tricart, me ajudou a confundir um pouco nisso. O texto dele, vindo da transcrição da conferência que faz no IBGE, em 1975, transformada em seguida em livro, a *Ecodinâmica*, diz que a Geografia Física tem muito que ensinar à Ecologia, numa visão num para-além da Biologia, a que esta se restringe, visão, por exemplo, de Geomorfologia, que a Ecologia não tem, de Climatologia, que a Ecologia não tem, ou tem de modo precário, bem como a Ecologia tem a ensinar à Geografia Física, porque a fragmentação da Geografia Física a impede de fazer a sua lição de explicar a natureza, fragmentando-atanto que fica assim limitada em seu poder explicativo, levou-me a tudo entender como Ecologia Política.

Tricart é conhecido de todos. Um geógrafo marxista que trabalha no campo da Geografia Física a partir da Geomorfologia, tomada a visão integrada da Geomorfologia climática com a Geomorfologia estrutural como base, a que acrescenta em seguida a Biogeografia, a Pedologia, da Edafologia, distinguida daquela, a Hidrografia, até chegar ao homem, à sociedade, e, assim, às setorialidades e à Geografia Humana como um todo, numa visão integralizada de Geografia, o que era para mim um motivo de gigantesco encantamento. O problema é que, no então, embebido na Ecologia Política, não percebi que não tinha entendido direito Tricart. Na verdade, era limitada minha capacidade de compreensão daquilo para o qual o Tricart estava nos chamando a atenção. Não veio para dizer aquilo que eu estava reproduzindo na querela com os colegas da Geografia Física. Que eram alienados. Que a Geografia Física não existe. Não era isso. Eu dizia, não Tricart. Tricart era um cara inteligente. Eu que era um cara ignorante. Então, particularizando o meu caso, não falo pelos outros, este foi um dos motivos. Mas houve também outro motivo, que respeito, e respeito ontem e hoje, que era de parte de colegas que não queriam, porque achavam, entendo que no direito e fundamento deles, que a Geografia Física era aquilo mesmo, não tinha que sofrer nenhum debate de natureza epistemológica. E embora naquela época ainda não se usasse a expressão, introduzida logo em seguida, senão antes, no debate mais amplo da renovação por Armando Correia da Silva, muito menos o que tem a ver com ontologia. Nada a ver com uma coisa e com a outra. E, assim, sucessivamente. No que, em si, metodologicamente, como disse na conversa com Vanda, eram termos restritos o desses colegas, o entendimento de Vanda e Chico Mendonça, estavam certos. Mas, de qualquer

maneira, essa sua pergunta, Marcelo, é muito oportuna. E oportuna até no sentido dessa conversa que desde a pergunta de Borzacchiello estamos tendo, casando uma conversa com a outra, de que a Geografia progrediu de lá para cá, dando o mapa da progressão, resumindo a resposta à pergunta de Zé, respondendo que sim, houve um grande progresso, e em muitas direções, todas de aprofundamentos e acrescentamentos de modos de ver.

Hoje acho que nem precisamos ter a preocupação das admoestações, nós e os colegas específicos da Geografia Física, porque por competências próprias e também pelas contradições do mundo moderno, e também pelas movimentações da vida humana, do mundo tão acabrunhado, aprendemos reciprocamente muito nesse intermezzo de tempo. Hoje estou podendo dizer isso para Vanda, lamentando não tenha podido fazer já há 10 anos. Porque são ideias que faz 10 anos estão arrumadas na minha cabeça, aparecendo sistematizadas, por exemplo, quando tive que escrever o volume 2 de *O Pensamento Geográfico Brasileiro*, e aí, sabendo que Aziz e Carlos Augusto não podiam ficar fora do livro, livro em que faço um estudo de 7 colegas, cada qual a partir de um livro, tomado para escrever a partir de uma base e não de invencionices, base concreta que são livros dos colegas, sabendo falar deles de um modo muito limitado, um dentro os vários seu, mas que expressam sua trajetória. Para botar esses colegas neste livro, tive que estudar muito a Geografia, em particular a Geografia Física. Ir ao Aziz Ab'Sáber e a Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro nesse livro. Tive muito que ler. Resolver controvérsias. Dar conta der problemas de história (embora seja um livro de epistemologia, não de história do pensamento, por sinal uma área-problema, entre nós e lá fora). Dar arrumação de ideias ao pensamento.

Ir ao Aziz não me foi tão difícil, porque, quando me formei, fui trabalhar na Universidade Católica de Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, indo substituir uma colega, Maria Madalena Vieira Pinto, geomorfóloga do IBGE, nas aulas de Geomorfologia. Então, durante quatro anos trabalhei dando aula de Geomorfologia na UCP, porque eu tinha uma base de Geomorfologia muito forte, recebida na graduação de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lá, fui aluno da Maria do Carmo Galvão, que na época trabalhava com Geomorfologia, só depois indo trabalhar com Geografia Agrária. Sua tese de doutorado, muito comentada na época, foi na área da Geomorfologia, creio que na Alemanha, e, dizia-se na época, numa das linhas mais avançadas de Geomorfologia do mundo, na qual ela faz uma análise de pólenes guardados nos sedimentos da Mata Atlântica, indo aos pólenes através a datação das camadas sedimentares para ver a trajetória geomorfológica da região, reconstituindo por meio deles o processo erosivo e de deposições, de onde, pelas localizações e arranjos, via métodos qualitativos e quantitativos, já então usava a análise quantitativa, veja, já naquele contexto de tempo, reconstituía no todo e no múltiplo da diversidade o meio ambiente da região, hoje serrana, do passado. Aí ficavam conhecidas a topografia, o desenho do traçado do relevo, o arrumado geomorfológico global da região, os processos e formas, suas dinâmicas cartográficas, as formações biomáticas de flora e fauna, sua rede de hidrografia, e por aí vai, na visão do todo do meio ambiente do passado e seu trajeto de mudanças de ontem até os dias de hoje. Fui aluno de Geomorfologia da Maria do Carmo Galvão, sonho de toda minha turma. A minha turma tinha 7 alunos, uma turma pequena, de que fez parte o Jorge Soares Marques, geomorfólogo, da UERJ, creio que por conta da relação com Maria do Carmo, Marita Pimenta, colega que foi trabalhar na UFF, hoje aposentada, também com Geomorfologia... Pois bem, era uma turma pequena, cujo sonho era ter aula com Maria do Carmo. E assim ficávamos na expectativa. Mas ela só dava aula lá para o quarto ano, depois virou períodos, comecei no período de seriação e terminei no dos créditos por semestre. Quando chegamos ao quarto período, fomos ter aula com a Maria do Carmo. A Geografia ficava no último andar do que hoje é o prédio do Consulado da Itália, na época prédio da Faculdade Nacional das pós de Filosofia,

Ciência, Letras, a FNFi, no centro do Rio, parte de cujas salas de aula eram auditórios, assim meio de arena, com a mesa da professora preta, gigantesca, grandona, pesadona, com pés de ferro, e como éramos uma turma pequena, ela entrou e pediu que a gente ficasse ao redor da mesa. E aí, para nossa decepção, ela coloca na mesa um mapa de Geologia do Brasil, que, acho era o mapa novo daquela época, recém editado naquele tempo, e a gente olhou para o mapa de Geologia, achando que era aula de Geomorfologia, e para nossa surpresa ela começou a localizar e descreveras bacias sedimentares, sua datação, séries, nichos de períodos e eras, a globalidade da cobertura dos capeamentos sedimentares, o cristalino exumado, até chegar então ao cráton e ao escudo, escondido ou parcialmente superficializado de tudo, ela mostrando o relevo correspondente a cada uma dessas formações e lugares, o que era depressão, o que era dobramento, o que era planalto, o que era crista, a petrografia correspondente, a gente passando a ver, na imaginação, a depressão onde agora era uma bacia de sedimentos, a fragmentação do escudo, a emergência da Serra do Mar, onde eram planaltos, a ancestralidade da Serra do Espinhaço, a contrastação das altitudes, seu sentido e significado. Eu fiquei fascinado, tão entusiasmado tudo com isto, que passei a ler tudo de Geomorfologia. Tricart foi um dos autores que li. Tinha lido Tricart um pouco ainda no secundário, uma história comprida, que fica para outro momento, rememorativo dessa trajetória que estou fazendo para a resposta ao desdobramento da pergunta do Marcelo, também egresso da UFRJ, qual a estratégia da reaproximação prática da Física e da Humana em estudos geográficos completos. Por isso então fui trabalhar com Geomorfologia, na UCP. E aí então juntava, Marcelo e Vanda, Tricart, sua visão de dialética da natureza a partir da integralização ao redor da Geomorfologia, Pierre Birrot, sua visão meio que geoquímica da Geomorfologia, William Thornbury, sua Geomorfologia clássica, vindo das aulas de Xavier, de quem fui também aluno, numa segunda disciplina, esta mais climático-estrutural, e Tornthwaite, bioclimatólogo, fazendo o link do meio ambiente. Aziz, pois, sua teoria do refúgio, tirada, na verdade, da influência de Tricart, desde o Congresso da UGI de 1956, já estava no meu radar. O contato com Carlos Augusto foi no entanto mais difícil, só aos poucos entendendo sua teoria genética do clima, a distinção de climatologia geográfica e climatologia meteorológica, fortemente casada na influência do geógrafo humano Max Sorre. Eu ainda estava no tempo de Köppen! Mais difícil ainda foi a relação com a Biogeografia, que resolvi recorrendo a Edgar Kulmann, colega biogeógrafo de formação geográfica do IBGE.

Quando, então, fui escrever este livro, e para poder entrar no conteúdo da Geomorfologia do Aziz, já tinha boa entrada, com as leituras da visão de Geomorfologia, Geografia Física e Geografia integrada na visão uno-diversa de Tricart. Isso tem mais de 10 anos, Vanda. O livro é de 2009. Foi quando voltei a estudar, agora de modo sistemático, Geografia Física, e de lá para cá, seus problemas de história e epistemologia tornaram-se um assunto permanente de estudo meu. E no que então faço, pela via epistemológica, esse retorno aos conteúdos, faço-o com um mergulho na história, nos fundamentos teóricos e na angulação a um canto metodológica e a um outro canto ontológica das distinções da Geografia Física e – Geografia Humana. Aí, então, fui formulando essa ideia, de que do ponto de vista ontoepistemológico, cabe, sim, conceber a fusão de Física e Humana, mas, do ponto de vista metodológico, não, porque na apreensão recíproca das singularidades dos conteúdos não tem como e porque fazê-la. Para pegar um exemplo, e fechar a resposta e esclarecer o que quis dizer, juntar, sem dissolver, algo parecido acontece com a leitura do indivíduo e do coletivo de Sartre, o filósofo existencialista, em sua trilogia *Os caminhos da liberdade*, cujo herói chama-se Mathieu, um individualista, em pleno tempo da Segunda Guerra Mundial, da luta da resistência à dominação nazista na França, que se negava a se juntar aos demais franceses no movimento da resistência, porque significava abdicar da individualidade pessoal em prol de uma assunção

coletiva, disciplinada, estruturada, que o obrigava a aceitar certas regras de convívio, certos tipos de ação e de existência, que nada lhe dizia, e, dizia Sartre, Mathieu então achava poder circular sobre a superfície do rio, sendo um torrão de açúcar, sem perder sua individualidade, esquecendo que o torrão de açúcar, por ser açúcar, se dissolve na água, e que, diferentemente do que pensava Mathieu, era justamente a abdicação da luta coparticipativa que o eliminava como indivíduo, só garantido no convívio coabitacional do espaço coletivo dos franceses, com os demais indivíduos da França na ação contra o inimigo, que justamente como tal os dissolvia. É uma metáfora ontológica, válida, penso, para a equivalência da relação de fusão-individualidade da Geografia Física e da Geografia Humana na coabitabilidade conjunta da Geografia, condição de que se aproximem, e não se dissolvam, explicando o mundo e o homem sem reciprocamente dissolver-se na água do rio da realidade da vida, Já que, creio, à Geografia e seus desdobramentos o que importa é compreender na multiplicidade dos seus ângulos a condição do ser-estar do homem-no-mundo.

Aproveitei sua pergunta, amigão Marcelo, me desculpe, para então juntar todo o conjunto das perguntas a mim dirigidas, até porque penso que estamos caminhando, não é isso, Saulo, para o fechamento dessa entrevista. Para mim não há problema de tempo. Estou à disposição para o diálogo. Mas fiquem à vontade, porque sei que vocês têm um certo limite.

Saulo Vital: Já estamos caminhando para duas horas de live, mas, poderíamos, sim, professor, colocar ainda muitas perguntas que estão fazendo. Agradeço demais pelas suas colocações e digo, assim, é uma atitude de grandeza de sua parte, lhe conhecia somente pelos livros e fico admirado em conhecê-lo pessoalmente, mesmo que virtual, e ver tamanha grandeza. Acho que essa é uma virtude dos sábios, reconhecer os seus erros, e acho que sua palavra hoje é de grande fortaleza para a Geografia brasileira, no momento em que o senhor coloca bem metodologicamente não tem porque fazer essa fusão, mas como uma Geografia, digamos assim, mais unificada sem essa dicotomia político-departamental, podemos ter outros pontos de vista, vejo uma dicotomia político departamental. E eu até vi a felicidade no rosto da professora Vanda, quando o senhor falava da professora Vanda, ela muito feliz de ouvir suas palavras. E porque fico muito feliz de ouvir um pouco sobre o Tricart, me considero um tricartiano. Eu trabalhei muito com a visão do Tricart, desde o meu mestrado e admiro demais o Tricart. Então, professor, parabéns pelas suas colocações. Eu não sei se a professora Vanda e se o professor José Borzacchiello da Silva querem falar alguma coisa. Fiquem à vontade, viu? O espaço é de vocês também.

José Borzacchiello da Silva: Já é para encerrar, Saulo?

Saulo Vital: Olha, já estamos há quase duas horas.

José Borzacchiello da Silva: Este é o Ruy, Saulo. Conheço este professor, este rapaz, este menino, há muitos anos, e no fundo estamos sempre caminhando mais ou menos juntos, como a Vanda também. Então, nós temos uma cumplicidade e a cumplicidade não significa concordância. Então, já brigamos, eu e Vanda já tivemos discordâncias homéricas e cada vez somos mais unidos, não é, Vanda? E isso é muito interessante. Então, é um prazer enorme Ruy, essa sabedoria, essa capacidade, este retorno às origens e à reconstrução do sujeito social Ruy Moreira, do geógrafo Ruy Moreira, do humanista Ruy Moreira. Essa capacidade de fazer, de retornar, de rever o passado e reconstruir o percurso é uma maravilha! Tenho certeza, com os depoimentos que estamos lendo no chat, a manifestação de satisfação que os nossos internautas estão registrando e tudo isso que só você poderia nos oferecer - o seu brilhantismo, a sua capacidade de produção, a sua contribuição com suas obras, seus livros, principalmente, os seus artigos, e as suas orientações, eu particularmente conheço bem o diálogo com Charles, e a partir do Charles a gente retoma a AGB, e foi você que orientou o trabalho dele, e também o trabalho

da corporeidade que você orientou, que gosto muito. Foi uma dissertação de mestrado, não foi doutorado ou o mestrado, que você orientou e os vários trabalhos e as suas produções.

Ruy Moreira: Mestrado e doutorado, você está falando do Elias.

José Borzacchiello da Silva: Do Elias. É um trabalho magnífico, e na verdade, é uma satisfação enorme. Eu agradeço ao Saulo e a Vanda, o convite que eles me fizeram para participar da entrevista. É um privilégio. Poucas pessoas tiveram a sorte de ter sido convidadas e este reencontro que espero brevemente, seja presencial, com abraços, com afagos e com vinho. Bom, um abraço para você, tudo de bom? Obrigação Vanda, obrigação Saulo

Saulo Vital: Nós que agradecemos à professora Vanda. Gostaria de falar alguma coisa?

Vanda Claudino Sales: Com certeza! Ruy, que privilégio passar esta tarde aqui com você nessa conversa absolutamente magnífica, que você nos proporcionou, o meu respeito e a minha admiração por você já existiam de muito tempo, de décadas, só fez crescer exponencialmente pelos seus belos depoimentos, pelas suas elocubrações, que você nos presenteou hoje à tarde. Do ponto de vista pessoal eu recebi um dos maiores presentes que eu poderia receber da minha vida de geógrafa, que foi ver o Ruy Moreira dizer que é possível e aceitável uma Geografia Física, essa é uma dor que eu tinha no coração, ver uma pessoa que eu admirava a vida inteira, fazer essa cisão tão grande, uma produção científica que eu tinha certeza sempre que é importante e fundamental, e ver você agora fazer este depoimento de que aceita a Geografia Física, é um dos maiores presentes que eu poderia receber da minha vida profissional, faz um apaziguamento histórico das épocas de 30, 40 anos atrás, da AGB. Tenho certeza que funciona da mesma forma para o conjunto dos geógrafos físicos e geógrafos humanos que estão nos assistindo hoje, e que irão nos assistir na sequência que este vídeo ficará aí circulando e muitos outros terão a oportunidade de ouvir, de ouvi-lo, ouvir esses esclarecimentos históricos que você fez. Então muito obrigada, muitíssimo obrigada, muitíssimo obrigada por ter me presenteado com um presente de tão grande valor quanto esse, e obrigada por ser esse super geógrafo que nós brasileiros temos o prazer de conviver. Saulo, parabéns pela iniciativa, parabéns pela ideia de trazer o professor Ruy. Zé da Silva, muito obrigada por aceitar nosso convite para participar dessa entrevista. Foi tudo maravilhoso e só posso mandar para você um grande abraço na expectativa que a gente possa uma hora dessas se encontrar. E eu vou fazer um brinde a você hoje à noite, com a taça de vinho aqui nas Cataratas do Niágara, no estado de Nova York, onde estou neste momento, parei para poder vir presenciar, participar dessa atividade, sem dúvida a melhor coisa que fiz nas últimas décadas. Obrigada, um abraço!

Ruy Moreira: Vanda, muito obrigado! Pode ter certeza de que aproveitei a oportunidade, a oportunidade que estava esperando de conversar com você. Agora nos colocamos em dia. Saulo, muito obrigado, e sobre o Tricart, espero que a gente tenha a oportunidade, proximamente, de um papo presencial, e aí conversarmos embaixo de chope a respeito sobre o Tricart, tudo que a gente tem para trocar, uma troca sobre o Tricart, porque aí com muito chope a coisa fica bastante solta. Zé, obrigado por revê-lo. Vanda, muito obrigado! Saulo, muito obrigada pelo convite, sobretudo materializando em Vanda o agradecimento pela intermediação do convite, face o fato de através dela você ter feito a mim esse convite. Um grande abraço a todos vocês.

Saulo Vital: Nós que agradecemos, professor. Só quero dizer que nada disso seria possível sem a professora Vanda, tem sido uma grande companheira, chamar aqui também a todos que fazem parte da AGB, a gente tem visto que, por exemplo, nestes últimos meses, o GENAT, como um grupo da Geografia Física, um grupo de Geomorfologia, a gente começou com este canal no ano passado com a ideia de trabalhar a temática do GENAT, mas ao longo do caminho nós fomos percebendo que havia uma missão e essa missão era congrega toda a Geografia neste

canal e tem sido algo muito produtivo, a gente percebe hoje, pela entrevista com o professor Ruy Moreira, neste momento que foi muito produtivo, histórico para a Geografia Brasileira, e colocamos nosso canal a disposição da AGB, da ANPEGE, de todas as organizações voltadas ao fortalecimento da ciência geográfica para fazermos cada vez mais estes debates, então o espaço é de todos. Reforçar o meu agradecimento à professora Vanda, que está sempre na luta aí comigo, dando ideias, então nada disso seria possível, então o professor Zé da Silva já é a quarta, quinta live que está aqui conosco, e que já se tornou outro grande companheiro, e este prazer de conhecer agora mesmo que virtualmente. E dizer ao professor Ruy que vai ser um grande prazer para mim, poder conversar com o senhor sobre Tricart. Um grande abraço!